

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19



Ἰσοπέδιον ἔστιν ἄνευ ποδῶν ἢ ἰσοπέδιον ἔστιν ἄνευ ποδῶν
Ἰσοπέδιον ἔστιν ἄνευ ποδῶν ἢ ἰσοπέδιον ἔστιν ἄνευ ποδῶν
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Em suma, *The Landmark Herodotus* apresenta-se como uma bem sucedida fusão do texto com o respectivo comentário num só volume. Curiosamente, este formato retira-lhe muita da capacidade que Heródoto demonstrou ter para viajar.

Nídia Catorze Santos

ROSARIA MUNSON, *Black Doves Speak: Herodotus and the Languages of Barbarians*, Washington DC: Center for Hellenic Studies, 2005, 121 pp., ISBN 0674017900.

Neste breve e interessante estudo, Rosaria Munson aborda o papel da língua e da linguagem na obra herodotiana. Se o autor é o primeiro a abordar a dicotomia entre Gregos e não-Gregos e a relatar o confronto que opôs o mundo helénico ao Império Persa, a sua concepção das diferenças linguísticas leva-o a considerar que estas, longe de continuarem a aumentar o fosso que parece separar os povos, aproximam-nos. Como nos irá mostrar, a língua não é um obstáculo intransponível, apesar de ser, a par do sangue, o elemento utilizado por Heródoto para definir a comunidade dos Helenos (8. 144), todavia consciente das diferenças nos dialectos gregos (4. 78; 8. 135).

Esta consciência apurada, desenvolvida, certamente, durante as suas viagens e através do contacto com as diferentes culturas aquando das suas investigações, levou-o, ao contrário da visão grega, que considerava todas as línguas que não o grego como sons incompreensíveis, a defender que todas elas são válidas e passíveis de tradução. Como sublinha a Autora, a língua não faz qualquer diferença, e traduzi-la ou explicá-la não se afigura problemático ou difícil, apenas implica uma correcta utilização do vocabulário disponível para descrever as realidades de um mundo diferente. Claro que ao abordar esta temática, o historiador não deixou escapar a possibilidade de instruir a sua audiência sobre o mundo que os rodeava e das suas características peculiares.

Na introdução, Munson formula a interrogação a que tentará responder nos capítulos seguintes: «does the role Herodotus attributes to language reinforce or undermine the authoritative greek-barbarian antithesis of contemporary thought?».

O primeiro capítulo, «Greek Speakers», analisa a imagem que Heródoto nos apresenta dos Gregos e não-Gregos e deita por terra a

tradicional oposição entre eles. No fim de contas, os primeiros receberam importantes contributos culturais dos Pelasgos e dos Egípcios (2. 49, 2. 58) também. Ao recuar à Antiguidade grega, encontra evidências dos Pelasgos, um povo autóctone que falava uma língua bárbara e que foi conquistado pelos Dórios, recém-chegados que lhes impôs a sua língua (1. 56-57).

No capítulo seguinte, «The Ethnographer and Foreign Languages», a Autora retoma a curiosa experiência realizada por Psamético (2. 2), para demonstrar que, para ele, o importante é o modo como as línguas são observadas e comparadas por quem as estuda, em busca das diferenças e afinidades entre os homens. Ao descrever a experiência aos seus leitores, partilha com eles a ironia que dali adveio, dado que teve um resultado muito diferente do que o monarca lhe atribuiu. Não lhe forneceu qualquer indicação segura sobre quem seria o povo mais antigo no mundo, mas a certeza de que os homens aprendem a falar com base no que ouvem.

No terceiro capítulo, «Herodotus Hermeneus», o mais extenso de todos, defende, contra a posição de Hartog, que considera os momentos de tradução nas «Histórias» como meras exibições retóricas de exotismo e competência profissional, a sua utilização para questionar o conhecimento dos Gregos. Mostra que os nomes que os povos bárbaros têm para objectos importantes, matérias-primas, instituições e costumes, podem ser mais correctos que os Gregos (3. 111-112), e exemplifica com os nomes de três reis persas, Dario, Xerxes e Artaxerxes, que em grego tinham, respectivamente, o significado de «guerreiro», «repressor» e «grande repressor» (6. 98), e ainda com a palavra «crocodilo» (2. 69). A utilização de comentários metalinguísticos mostra-o a par das investigações que decorriam à época, e iremos encontrar ecos das suas ideias no *Crátilo* platónico, onde se afirma que a exactidão nos nomes é semelhante para Gregos e bárbaros (383a-b), e Sócrates reforça esta ideia ao acrescentar que ambos os nomes podem estar correctos, da mesma forma que na língua grega duas palavras diferentes podem ter o mesmo significado (389d4-390a2, 394a-c).

Finalmente, o quarto capítulo, «The Meaning of Language Difference», que conclui o estudo e que lhe dá o nome, leva-nos uma vez mais para as relações entre a Grécia e o Egipto ao analisar o episódio das pombas de Dodona (2. 54-57). Da mesma forma que, entre os Citas, a neve era comparada a penas (4. 31), os Pelasgos associavam as sacerdotisas egípcias a pombas negras. Perante a lenda que

rodeava a fundação dos oráculos de Dodona e Siva, Heródoto apresenta uma explicação simples para a sua origem. As mulheres teriam sido transformadas em pombas pelos habitantes locais devido à sua proveniência estrangeira, que a cor negra acentua, e sua linguagem comparada ao chilrear dos pássaros, devido à estranheza dos sons.

Em resumo, a obra de Munson apresenta-se como mais um importante contributo na análise de Heródoto como um autor que compreendeu o relativismo cultural que preside às relações entre os homens, disposto a problematizar a oposição entre gregos e bárbaros e a respeitar os costumes do Outro, mesmo quando chocam com a sua sensibilidade pessoal e cultural (1. 199). Demonstra desta forma que o diálogo civilizacional é dificultado, não pelas barreiras linguísticas, mas sim pela natureza do *nomos* que tudo rege (3.38). Gostaríamos, para finalizar, apenas de realçar a utilização da Autora de dois episódios retirados do livro II para justificar a suas hipóteses, o que, em última análise, é um sinal de que os classicistas estão finalmente a reconhecer que a longa digressão pelo Vale do Nilo é mais do que um texto exótico destinado a entreter e maravilhar os seus leitores. É, pelo contrário, uma ferramenta essencial para a nossa compreensão das «Histórias» no seu todo.

Nídia Catorze Santos

FRED NAIDEN, *Ancient Supplication*, Oxford, New York: Oxford University Press, 2006, 440 pp., ISBN 019518341X.

A obra de Naiden anuncia-se fundamental para a nossa compreensão da súplica, ritual omnipresente por todo o Mundo Antigo. Nela encontramos reunidas todas as fontes disponíveis sobre o tema, no mundo greco-romano, desde Homero à época cristã, e ainda alguns paralelos do universo hebraico e próximo-oriental, estes últimos apresentados nos apêndices finais.

O estudo inicia-se, como não poderia deixar de ser, com Homero. Não, como poderíamos supor, com o apelo de Crises a Agamémnon (1. 12-34), o de Tétis a Zeus (1. 500-507) ou a súplica de Príamo perante Aquiles (24. 477-570), que iniciam e concluem, respectivamente, a *Iliada*, mas com dois exemplos retirados da *Odisséia*: o de Fémio, o aedo (22. 330-56) que tinha entretido os pretendentes no palácio de Ulisses, e o de Liodes, um dos pretendentes (22. 310-29).